

Leonardo Rangel dos Reis

Figuras da subjetivação nas sociedades contemporâneas: reflexões formacionais



Figura 1: Narciso clássico – Caravaggio(primeira situação narcísica)

No movimento mais contemporâneo da modernidade, assistimos a um verdadeiro movimento de “ressurgir” do sujeito e da valorização das suas experiências, pois “neste mundo sem transcendência e em estado de perda de normas, há mais espaço para a responsabilidade, para a liberdade, para a relação consigo e a relação com o outro, e, portanto, para a democracia” (TOURAINÉ, 2004, p. 110). No entanto, este processo nunca se deu e certamente nunca se dará de forma tranquila e transparente, como se o processo educativo tivesse de forjar uma formação que levasse os indivíduos a estabelecerem uma relação de transparência consigo mesmos e com os outros. Ao invés disso, esta nova perspectiva nos convida a conviver com as obscuridades e opacidades que estão presentes em todos os processos de formação, uma vez que, “a ambivalência da relação consigo é própria a toda imagem do sujeito. Não há imagem do sujeito que um dia tenha vivido na certeza; todas viveram na inquietude e na incerteza” (TOURAINÉ, 2004, p. 123). Aqui, assistimos ao fenômeno onde a vida fora transformada em obra ou em projeto. É um tipo específico de formação que se impõe e nos obriga a buscar novos modos de interpretação da realidade social, do mundo e de nós mesmos.

A injunção ao si mesmo nos incita, obriga e, muitas vezes, nos constrange a desenvolvermos uma série de habilidades e competências, tais como: a observação minuciosa, a atenção contínua, o controle perpétuo e a disciplina mais diligente, ou seria melhor dizer o controle mais minucioso, uma vez que



Figura 2: Narcisos Cegos – Salvador Dalí(segunda situação narcísica)

nessas sociedades, a disciplina se tornou um acessório e como tal, pode ser “descartada”, pois ela foi internalizada e maximizada pelas diversas técnicas de controle, então “muitos jovens pedem estranhamente para serem ‘motivados’, e solicitam novos estágios e formação permanente; cabe a eles descobrir a que estão sendo levados a servir, assim como seus antecessores descobriram, não sem dor, a finalidade das disciplinas” (DELEUZE, 1992, p. 226).

Diante dessas mudanças cruciais, o Narciso clássico, representado de forma brilhante no quadro de Caravaggio (**figura 1**), cedeu lugar a um tipo de narcisismo onde o outro passou a ter papel fundamental (até preponderante) na constituição do si mesmo, operando como vetor estrutural de embaçamento, onde a transparência perdida clamará por uma eterna promessa de reconciliação. Este período de transição, fortemente marcado



Figura 3: Arte com lixo -Vik Muniz (terceira situação narcísica)

pela insegurança, expectativas e pela crescente onda de angústia foi bem ilustrado pelo surrealista Salvador Dalí, no quadro chamado Narcisos Cegos (**figura 2**). Este movimento emergente de borrões cessou com o poder estrutural da representação clássica e nos colocou em um movimento de eterno começo, onde as promessas

eternas de garantias foram destruídas e transformadas em uma saga perpétua pelos interesses e desejos não mais conciliados.

Este novo narciso, segundo sugestivo quadro do artista plástico brasileiro Vik Muniz, que também podemos chamar “reconciliado” (**figura 3**). “Reconciliação” aqui não significa volta ao passado, nem nostalgia pelos status perdidos, mas a eterna promessa de um alvorecer feliz, contido sempre em um instante eterno. O narciso reconciliado talvez constitua uma das figuras mais emblemáticas da contemporaneidade, pois representa, como ninguém, o status ambíguo da valorização concedida ao princípio da diversidade. Pois, se a “reconciliação” com o outro é, muitas vezes, sentida como algo positivo, por outro lado, muitas vezes também pode ser sentida e encarada como um enfraquecimento das forças do si e como uma subordinação aos movimentos e influxos de um devir por demais denso/pesado.

Embora a nossa atualidade seja bastante marcada pelas duas últimas configurações narcísicas, temos de admitir que nos aproximamos, cada vez mais, de um processo de indistinção entre as instâncias do sujeito e do objeto. Parece que o fim do princípio transparente da formação nos colocou em um estado de reorganização dos âmbitos tradicionais dos modos de vida, fragilizando-os e colocando-os à mercê dos imperativos de uma busca crescente pela mais valia e mais vida, mas também criou um solo onde podemos nos rearticular e buscar re-existir, inventando novos modos possíveis de subjetivações que passam pela rearticulação das esferas coletivas e individuais (que agora se encontram novamente embaralhadas).

Sobre o autor

Cientista Social. Mestre e doutorando em Educação pelo PPGE da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA. Desenvolve estudos e pesquisas no campo do cuidado, subjetivações e educação. Membro do grupo FORMACCE em Aberto – Currículo e Formação.

Referências

DELEUZE, Gilles. Conversações (1972-1990). Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

TOURAINÉ, Alain. A busca de si: Diálogo sobre o sujeito. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.